



Ministério da Administração Interna
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
Comando Distrital de Polícia de Aveiro



Usar as entrevistas aos ofensores na resolução de problemas policiais

No original *“Using Offender Interviews to Inform Police Problem Solving”*

De

Scott H. Decker

COPS
COMMUNITY ORIENTED POLICING SERVICES
U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE

www.cops.usdoj.gov

cpaveiro@psp.pt

www.psp.pt

Tradução: Chefe Evaristo Ferreira

ijefferreira@psp.pt

chefevaristo@gmail.com

CDPAVR/SPPP

Maio – 2012



Center for Problem-Oriented Policing

Tem um problema? Nós temos a resposta!

Ligue-se ao website do “Center for Problem-Oriented Policing” em www.popcenter.org para aceder a um conjunto de informações de grande valor que o ajudarão a lidar com mais eficácia com o crime e a desordem na sua comunidade, incluindo:



www.PopCenter.org

- *Versões melhoradas de todos os Guias normalmente disponíveis*
- *Exercícios Interactivos de treino*
- *Acesso on-line a estudos e a práticas policiais*
- *Um módulo online para análise de problemas.*

Concebidos para a polícia e para aqueles que com ela trabalham na resolução dos problemas comunitários, o www.popcenter.org é um excelente recurso para o policiamento orientado para a resolução dos problemas.

Usar as entrevistas aos ofensores na resolução de problemas policiais

Scott H. Decker

Este projeto foi apoiado, através do acordo de cooperação n.º2003CKWXK087, pelo Office of Community Oriented Policing Services, do U.S. Department of Justice. As opiniões aqui expressas são as do autor e não necessariamente representam a posição oficial do U.S. Department of Justice. As referências a companhias específicas, a produtos, ou serviços, não devem ser consideradas como de apoio a esses mesmos produtos pelo autor ou pelo U.S. Department of Justice. Em vez disso, as referências são meras ilustrações para complementar a discussão dos assuntos.

ISBN: 1-932582-49-5

Abril de 2005

Nem o autor nem o Departamento de Justiça dos Estados Unidos são responsáveis pela exactidão desta tradução.

Acerca da Série de Instrumentos para Resolução de Problemas

A série de guias sobre instrumentos para a resolução de problemas é uma das três séries de Guias Policiais sobre Policiamento Orientado para a Resolução dos Problemas. As outras duas são os guias sobre problemas específicos e os guias de respostas. Os Guias Policiais sobre Policiamento Orientado para a Resolução dos Problemas resumem os conhecimentos existentes acerca da forma como a polícia poderá reduzir os malefícios causados por crimes específicos e pelos problemas decorrentes da desordem. São guias para prevenir problemas e para melhorar as respostas genéricas aos incidentes, não para investigar ofensas ou para lidar com incidentes específicos. Os guias foram escritos para os policiais - de qualquer posto ou missão – que tenham que lidar com os problemas específicos cobertos pelos guias. Os guias serão da maior utilidade para os agentes policiais:

- Que compreendem os princípios e os métodos básicos do policiamento orientado para a resolução dos problemas,*
- Que conseguem olhar para os problemas em profundidade,*
- Que têm vontade em considerar novas formas de executar o trabalho policial,*
- Que compreendem o valor e os limites dos conhecimentos pesquisados, e*
- Que têm vontade em trabalhar com outros organismos comunitários para encontrar soluções eficazes para os problemas.*

Os guias instrumentos resumem os conhecimentos existentes acerca da recolha de Informações e das técnicas de análise que poderão ajudar a polícia em qualquer um dos quatro estádios de um projeto orientado para a resolução dos problemas: Identificação, Análise, Resposta e Avaliação. Cada guia:

- Descreve o tipo de informação produzida por cada técnica,*
- Discute a forma como esta informação pode ser útil na resolução dos problemas,*
- Fornece exemplos do uso prévio da técnica,*
- Fornece orientações práticas acerca da adaptação da técnica aos problemas específicos a serem tratados,*
- Fornece modelos instrumentais para a recolha de dados (onde isto se aplicar),*
- Sugere maneiras para se analisar os dados recolhidos através da técnica,*
- Demonstra como se interpretar corretamente a informação e como a apresentar com eficácia,*
- Adverte acerca dos possíveis problemas éticos que surjam pelo uso da técnica,*
- Aborda as limitações da técnica, quando usada pela polícia num projeto orientado para a resolução de problemas,*
- Fornece referências a fontes de Informações mais detalhadas acerca da técnica, e*
- Indica quando, ao usar-se a técnica, se deve procurar a ajuda de um perito.*

Cada uma das técnicas abordadas nos guias instrumentos é coberta por extensa literatura técnica e científica. Os guias instrumentos pretendem fornecer a informação necessária acerca de cada técnica de forma a habilitar a polícia, e outros, a usá-la no decurso da resolução de

problemas. Na maioria dos casos, a informação recolhida no decurso de um projeto de resolução de problemas não necessita de suportar um escrutínio científico rigoroso. Onde for necessária uma maior confiança nos dados, a polícia poderá necessitar da ajuda de um perito no uso das técnicas. Isto poderá ser encontrado, com frequência, nos departamentos universitários de sociologia, de psicologia e de justiça criminal.

A informação necessária para qualquer projeto individual poderá ser bastante diversa e, com frequência, será necessário o emprego de uma diversidade de técnicas de recolha de dados para ir ao encontro dessas necessidades. De forma similar, uma diversidade de diferentes técnicas analíticas poderão ser necessárias para se analisar os dados. Algumas das técnicas poderão não ser familiares à polícia e aos analistas criminais, mas o esforço investido na aprendizagem do seu emprego fará toda a diferença para o sucesso de um projeto.

Para mais Informações, acerca do policiamento orientado para a resolução dos problemas, visite o Center for Problem-Oriented Policing (POP Center) online em www.popcenter.org, ou através do website do COPS em www.cops.usdoj.gov. O website do POP Center oferece acesso livre, online:

- À série de Guias para Problemas Específicos,*
- Aos manuais Guias de Respostas e à série de Guias Instrumentos para Resolução de Problemas,*
- A Informação instrutória acerca do Policiamento Orientado para a Resolução dos Problemas e a tópicos relacionados,*
- A um exercício interativo de treino,*
- A estudos e a práticas policiais importantes, e*
- A um módulo de análise de problemas.*

Agradecimentos

Os Guias Policiais Orientados para a Resolução dos Problemas devem muito a um esforço colaborativo. Embora cada um dos guias tenha um autor original, outros membros da equipa do projeto, pertencentes aos quadros do COPS Office, e revisores anónimos, contribuíram para cada guia propondo textos, recomendando estudos e oferecendo sugestões quanto ao formato e ao estilo. A equipa principal do projeto que desenvolveu as series de guias foi composta por Herman Goldstein, professor emérito da University of Wisconsin Law School; Ronald V. Clarke, professor de justiça criminal da Rutgers University; John E. Eck, professor de justiça criminal da University of Cincinnati; Michael S. Scott, professor assistente clínico da University of Wisconsin Law School; Rana Sampson, consultora policial de San Diego; e por Deborah Lamm Weisel, directora de pesquisas policiais da North Carolina State University.

Nancy Leach e Cynthia Pappas supervisionaram o projeto para o COPS Office. Rebecca Kanable editou este guia. As pesquisas para os guias foram realizadas na Criminal Justice Library da Rutgers University sob direção de Phyllis Schultze.

A equipa do projeto, também, deseja agradecer aos membros dos departamentos de polícia de San Diego, de National City e de Savannah os quais forneceram feedback a respeito do formato e do estilo dos guias, nos estádios iniciais do projeto, tanto como agentes policiais no ativo, como responsáveis policiais e como estudiosos, os quais procederam à revisão de cada guia.

Conteúdo

<i>Acerca da série de instrumentos para a resolução de problemas.</i>	<i>5</i>
<i>Agradecimentos.</i>	<i>7</i>
<i>Introdução.</i>	<i>9</i>
<i>O que se conclui das entrevistas aos ofensores.</i>	<i>11</i>
<i>Traficantes e consumidores de droga.</i>	<i>11</i>
<i>Assaltantes de residências.</i>	<i>14</i>
<i>Ladrões à mão armada.</i>	<i>15</i>
<i>Membros de gangues.</i>	<i>15</i>
<i>Ofensores com armas de fogo.</i>	<i>16</i>
<i>Sumário das conclusões das entrevistas aos ofensores.</i>	<i>18</i>
<i>Recomendação concreta sobre como realizar as entrevistas aos ofensores.</i>	<i>20</i>
<i>Os objetivos das entrevistas.</i>	<i>20</i>
<i>Quem se deve entrevistar.</i>	<i>21</i>
<i>Quem deve realizar as entrevistas.</i>	<i>22</i>
<i>Como encontrar os sujeitos mais adequados.</i>	<i>22</i>
<i>Convencer os sujeitos a participar.</i>	<i>23</i>
<i>Consentimento informado.</i>	<i>23</i>
<i>Manter as relações de campo.</i>	<i>24</i>
<i>Realizando as entrevistas.</i>	<i>24</i>
<i>Aferir a veracidade.</i>	<i>25</i>
<i>Analisar os resultados da entrevista.</i>	<i>26</i>
<i>Apresentar as conclusões.</i>	<i>26</i>
<i>Aplicação tática e estratégica dos resultados da entrevista à resolução de problemas.</i>	<i>27</i>
<i>Notas finais.</i>	<i>29</i>
<i>Referências.</i>	<i>30</i>
<i>Acerca do autor.</i>	<i>32</i>
<i>Leituras recomendadas.</i>	<i>33</i>
<i>Outros guias policiais orientados para a resolução de problemas.</i>	<i>35</i>

Introdução

Existe uma já longa tradição nos estudos de justiça criminal acerca das entrevistas aos ofensores ativos, mas muito poucos destes estudos se têm focado, especificamente, sobre a resolução de problemas policiais. Isto é uma pena, porque os ofensores ativos fornecem uma quantidade substancial de informações acerca de cada um dos elementos do triângulo do crime: as vítimas, os ofensores e os locais. Tais informações deverão provar-se úteis para as intervenções estratégicas de resolução de problemas, porque elas fornecem conhecimentos acerca dos padrões criminais que, no geral, poderão não ser óbvios quando se examina um caso de cada vez. As informações resultantes dessas entrevistas poderão desenvolver, e melhorar, os projetos de resolução de problemas já existentes, ou poderão vir a gerar novos. A informação recolhida, também, poderá fazer melhorar a segurança dos agentes policiais no terreno.

A distinção entre as ofensas e os ofensores é importante, porque destaca os dois tipos diferentes de conhecimentos – estratégicos e táticos – que poderão ser recolhidos das entrevistas aos ofensores ativos. Poderemos aprender acerca de um dos mais importantes ramos do triângulo do crime através do estudo dos ofensores. As informações que resultam daquelas entrevistas fornecem conhecimentos táticos importantes para se responder a um indivíduo específico, ou a padrões comportamentais específicos. Tais informações são úteis para se responder a esse indivíduo e a outros que se possam comportar da mesma forma que essa pessoa. Estudar as ofensas fornece informações com valor estratégico para se responder aos padrões e às tendências em geral. Este guia tenta lançar a ponte sobre o fosso existente entre a polícia e os estudiosos, sublinhando as finalidades que ambos os grupos têm, e indicando o muito que a resolução de problemas ganhará ao se entrevistar os ofensores ativos.

As informações recolhidas, junto dos ofensores ativos, são particularmente importantes porque, nalguns casos, elas provêm de ofensores que ainda não foram “apanhados”. Noutras casos, as informações dos ofensores ativos poderão informar-nos acerca de ofensas diversas daquelas pelas quais os ofensores foram detidos. Os roubos são um excelente exemplo. As entrevistas a ladrões armados no ativo revelam que esses ofensores experienciam um grande número de vitimizações que não chegam a denunciar à Polícia.¹ Com frequência, essas vitimizações consistem de retaliações por roubos anteriores e que, algumas vezes, produzem uma escalada, exagerada, de crimes em série. Contudo, essas vitimizações têm implicações na comunidade alargada, porque aqueles ofensores “tratam do assunto pelas próprias mãos” e retaliam por terem sido vitimizados, prejudicando membros inocentes da comunidade, tornando a comunidade menos segura, no geral, e fazendo aumentar, de sobremaneira, o medo do crime. Este é um elemento-chave do modelo SARA (ou IARA em português) já que, mais inteiramente, se dedica à natureza dos problemas criminais e às suas origens.

Os ofensores ativos podem fornecer um conjunto de informações bastante importantes acerca dos crimes, dos motivos e das técnicas utilizadas. Estas informações estendem-se muito para além dos crimes pelos quais os ofensores são detidos ou estão sob investigação. Tais informações podem ser valiosas para a polícia nas suas abordagens à resolução de problemas criminais.

Este guia subdivide-se em duas partes: a primeira parte fornece um sumário das mais importantes conclusões que resultam das entrevistas aos ofensores; enquanto a segunda fornece recomendações concretas sobre a forma como as entrevistas aos ofensores deverão ser conduzidas no sentido dos projetos de policiamento orientado para a resolução de problemas.

O que se concluiu das entrevistas aos ofensores

Muito é sabido acerca das entrevistas aos ofensores realizadas nas prisões. Existem algumas evidências de que os ofensores no ativo adotam diferentes padrões ofensivos e têm diferentes percepções; eles poderão ser mais diretos e poderão fornecer mais informações válidas que os ofensores que estão a cumprir penas de prisão.² Existe um conjunto amplo, e crescente, de evidências considerando a forma como os ofensores ativos percebem as suas táticas, os seus motivos, alvos, e padrões ofensivos.

Os estudos com ofensores ativos têm-se focado em cinco categorias de ofensores:

1. Traficantes e consumidores de drogas,
2. Assaltantes de residências,
3. Ladrões à mão armada,
4. Membros de gangues, e
5. Ofensores com armas de fogo.

Este guia destaca as principais conclusões resultantes daquelas entrevistas e que se aplicam diretamente à resolução de problemas. A conclusão central deste trabalho é a de que o contexto em que os ofensores vivem – o seu estilo de vida – é importante para se compreender os seus atos ofensivos. As entrevistas aos ofensores ativos sublinham, consistentemente, o papel que os seus valores, relacionamentos, e atividades desempenham no seu envolvimento no crime. Estas principais conclusões fornecem fundamentos para a implementação de estratégias para se empregar nas entrevistas aos ofensores ativos.

Traficantes e consumidores de droga

Existe um conjunto alargado de estudos com traficantes e consumidores de droga. Um estudo focou-se nos consumidores de heroína mais “agarrados” da cidade de Nova Iorque.³ Os estudiosos entrevistaram e observaram os consumidores de heroína em pensões baratas, nos cruzamentos de ruas, em carros, e nos centros de tratamento, numa tentativa de situar os toxicodependentes, e os seus estilos de vida, num contexto mais alargado. Eles examinaram as razões que os levam a consumir droga, a procurar droga, e sobre a experiência de se sentirem “pedrados”. Muitos dos consumidores de heroína “agarrados” mantêm-se empregados, mantêm os seus relacionamentos e cumprem com uma diversidade de obrigações sociais. Este contexto mais alargado de estilos de vida e valores pode fornecer-nos indícios, acerca dos comportamentos e das associações, que nos poderão ajudar a melhor compreendermos a estrutura dos ofensores, as suas vidas, e como misturam as suas ofensas com estilos de vida mais convencionais. Tal entendimento pode-nos levar a um policiamento mais eficaz, através da Prevenção Criminal pela Conceção Ambiental (Crime Prevention Through Environmental Design - CPTED), assim como pela resolução de problemas.

Dois exemplos ilustram este importante ponto:

- *Primeiro, mesmo os consumidores de drogas mais “agarrados” têm um envolvimento significativo noutras atividades, muitas das quais são cumpridoras da lei. As entrevistas com consumidores de cocaína (pó) mais “agarrados”, em São Francisco, concluíram que existe um significativo envolvimento em atividades legítimas, incluindo nas carreiras, nas famílias, e nas atividades das vizinhanças.⁴ Mesmo entre os consumidores de drogas mais sérios podem ser encontrados padrões de vida ditos “normais”. Podemos usar Informações como estas para olhar além dos estilos de vida aparentemente cumpridores da lei, assim como para impulsionar os relacionamentos, a fim de reduzir o consumo de drogas, e para prestar mais atenção ao uso de drogas nas classes média e alta. A maioria dos consumidores de drogas “excluídos da sociedade” mantém alguns compromissos para com a sua família, com os vizinhos, ou com o seu emprego. Estas são ligações importantes a ter em conta para a resolução dos problemas.*

- *Mesmo os consumidores de drogas mais sérios passam por períodos de abstinência. Os mercados de droga que “secaram”, ou que passaram a ser demasiado caros, ou demasiado inseguros devido à violência ou à presença policial, frequentemente, impõem, externamente, aqueles períodos de abstinência. Contudo, com alguma frequência, os consumidores de drogas impõem a si mesmos a abstinência, refreando o seu consumo de droga, porque chegam à conclusão que “bateram no fundo” ou que estão à beira do precipício.⁵ Aqueles períodos de abstinência – independentemente do que lhes deu origem – são oportunidades ideais para pôr os ofensores em contacto com os serviços de apoio, assim como para se usarem técnicas adicionais de resolução de problemas: como as que envolvem os serviços de reinserção social, de tratamento de desintoxicação e serviços comunitários. Aquelas conclusões, também, apontam para os resultados positivos decorrentes das operações policiais de combate ao tráfico de estupefacientes que produzem uma redução, temporária, na disponibilidade das drogas. Durante aqueles períodos de abstinência deveremos – todos – estar na disponibilidade e com vontade para encaminhar os ofensores para os serviços de apoio.*

Um estudioso, que trabalha no Harlem (NY), entrevistou centenas de traficantes de droga porto-riquenhos.⁶ Ele identificou a pobreza extrema, as mudanças sociais rápidas e o isolamento político e cultural como as principais forças que conduzem ao tráfico de droga. Muitos dos consumidores de droga e traficantes que ele entrevistou partilham de valores consistentes com o chamado “sonho americano”: são altamente motivados, ambiciosos, e empreendedores. Os agentes policiais que se encontram comprometidos com a resolução de problemas poderão encontrar formas de envolver organizações não governamentais (incluindo grupos baseados na fé religiosa), famílias e outros grupos: como as organizações que se dedicam ao tratamento de toxicod dependentes, os serviços de emprego, e os recursos comunitários para tratar daqueles assuntos. Aquelas entrevistas sublinham os níveis extremamente elevados de vitimização experienciados pelos indivíduos envolvidos no tráfico de

droga, e a forma como essa vitimização ainda mais os isola do desempenho de papéis cumpridores da lei e dos relacionamentos. Este é o tipo de informação de que poderemos tirar partido, e empregar, para ganhar vantagem.

Uma questão importante que surge deste estudo é a forma como os agentes policiais podem envolver os serviços comunitários, ou envolver outras agências, no seu esforço para resolver aqueles problemas comunitários. Aqui estão quatro sugestões:

- **Trabalhar juntamente com coligações já existentes e task forces.** Os programas denominados “Weeds and Seeds”,⁷ “Juvenile Accountability Incentive Block Grant” (JAIBG),⁸ e o “Project Safe Neighborhoods” (PSN)⁹ são três iniciativas que existem em muitas comunidades. Aquelas iniciativas fornecem ambos os recursos e os contatos que a polícia, comprometida com a resolução de problemas, poderá empregar. Outras coligações poderão incluir organizações baseadas na fé religiosa e organizações não governamentais que, por norma, poderão emparceirar com a polícia.
- **Envolver os departamentos da cidade, do estado e do condado.** O uso de serviços públicos adicionais (da recolha de lixo, da redução de incómodos, de aplicação da lei, dos serviços sociais, do bem-estar da infância, dos serviços de emergência médica, dos bombeiros) são, aqui, escolhas óbvias.
- **Envolver a família.** Décadas de estudos têm documentado que a família é a instituição singular mais importante para a prevenção e para a resposta ao crime. A dimensão do envolvimento das famílias na resolução de problemas é a medida da dimensão do envolvimento dos seus maiores aliados na resolução de problemas.
- **Envolver o tribunal de menores.** É bem compreendido que as condições que criam o envolvimento no crime entre um dos membros de uma família têm probabilidades de serem replicadas pelos outros membros da mesma família. Através do desenvolvimento de atividades de resolução de problemas nas famílias, envolvendo os irmãos mais velhos, acabaremos por descobrir que tais atividades surtem efeitos benéficos nos irmãos e irmãs mais novos.

As entrevistas com ofensores ativos têm tido o apoio do U.S. Department of Justice desde meados da década de 80. O “National Institute of Justice” implementou o sistema denominado “Arrestee Drug Abuse Monitoring”¹⁰ nas cadeias e nos estabelecimentos de detenção preventiva das cidades de maior dimensão dos EUA. Neste programa, os detidos recentes fornecem amostras de urina para rastreamento de droga e são entrevistados, e questionados, acerca dos seus consumos, dos tratamentos de desintoxicação a que já foram submetidos, sobre a sua participação em gangues e sobre o tráfico de droga. Aquelos dados revelam uma variedade de importantes conclusões: primeiro, a entrevista oferece introspeções sobre a diversidade das ofensas e dos comportamentos de risco – incluindo as suas práticas sexuais sem proteção e uso de seringas partilhadas – em que os detidos se envolvem; segundo, os detidos, no geral, são verdadeiros acerca dos seus consumos de droga, particularmente quando as suas declarações são comparadas com as análises à urina; terceiro, aquelas entrevistas

desmistificam as ideias de que os ofensores usam somente um tipo de droga e a de que esse abuso da droga está confinado a uma categoria específica de ofensores. Em muitas cidades, em mais de metade dos detidos – independentemente da acusação – o resultado do teste, à presença de droga no seu organismo, foi positivo. Finalmente, aqueles dados revelam que os detidos têm um grande volume de contatos com o sistema de justiça criminal, mas que poucos dos mesmos resultaram num processo mais formal. Aqueles contactos acabaram por ser oportunidades perdidas para a resolução de problemas e para a intervenção.

Assaltantes de residências

Os estudos com assaltantes de residências poderão oferecer-nos as mais provocativas lições a respeito do policiamento. Três projetos fundamentais, financiados pelo U.S. Department of Justice, foram realizados em Odessa (Texas),¹¹ no Delaware¹² e em St. Louis¹³ usando assaltantes de residências no ativo como fontes de informação. Aqueles estudos documentaram que os assaltantes de residências têm uma diversidade de motivações, a maioria das quais está ligada aos seus desejos em se envolverem num estilo de vida que se foca nas borgas e em manter as aparências. Aqueles ofensores mantêm-se focados em objetivos de curto prazo e envolvem-se em comportamentos que os aprisionam num ciclo vicioso que os leva a ofender cada vez mais.

Os assaltantes de residências são: tanto vítimas, como ofensores. A sua vitimização está relacionada com o seu envolvimento nas ofensas e, geralmente, está mais relacionada com o seu estilo de vida. Os assuntos relacionados com o estilo de vida têm-se provado importantes em inúmeros, diferentes, e comparativos contextos culturais.¹⁴ Como consequência, aquelas vitimizações deverão despertar-nos interesse. Poucos ofensores denunciam as suas vitimizações à polícia. O medo de represálias, o medo de ser detetado, ou o medo de não ser levado a sério, todos conduzem à não denúncia das vitimizações pelos ofensores ativos. Estes factos não denunciados são, frequentemente, tratados pela polícia com um “pisar de olho e um encolher de ombros”, porque os ofensores “têm o que merecem”. Contudo, no caso dos assaltantes de residências (e outros ofensores), aquelas vitimizações criam os motivos para novas ofensas. Alguns daqueles crimes são o resultado óbvio do seu próprio comportamento ofensivo, já que as suas vítimas (muitas das quais também são elas próprias ofensores) procuram uma reparação fora do sistema legal, de forma a acertar o que de errado lhes foi feito. Pelo envolvimento neste tipo de comportamento, os ofensores contornam o sistema de justiça criminal e alegam estarem a fazer justiça pelas suas próprias mãos.

Porque é que alguém se deve preocupar acerca da vitimização de um ofensor, cometida por outro ofensor? Uma resposta a esta questão seria a de que, tais vitimizações e as situações caóticas que elas criam, irão fazer aumentar, consideravelmente, a desordem na comunidade. Aqueles estudos sublinham a diversidade das ofensas em que os assaltantes de residências se envolvem. Enquanto cada um daqueles estudos se focou nos assaltantes de residências, todos eles concluem que os seus sujeitos não eram, somente, assaltantes no sentido restrito. Aqueles “assaltantes” também se envolviam em roubos, tráfico de droga, furto de veículos, e numa

diversidade de outras ofensas. Se encararmos os assaltantes detidos como sendo estritamente assaltantes, poderemos vir a não detetar as características-chave, num contexto e num estilo de vida ofensivo mais amplo, o que nos poderá conduzir à descoberta de um assaltante numa investigação sobre a droga, ou num caso relacionado com o uso de armas para agredir.

Ladrões à mão armada

As conclusões dos estudos com ladrões à mão armada sublinham a versatilidade dos padrões ofensivos entre aqueles ladrões, o elevado nível de vitimização que existe entre eles, e o papel que a pressão originada pelo seu estilo de vida exerce sobre este grupo de ofensores.

Num estudo realizado em St. Louis, foram entrevistados indivíduos que roubaram traficantes de droga.¹⁵ Concluiu-se que, enquanto o roubo é a mais “pura” das ofensas, no que toca aos motivos e aos intentos (o dinheiro), os ladrões à mão armada, também, se envolviam numa diversidade de outras ofensas. Os ladrões entrevistados envolvem-se em inúmeras atividades – legais e de outros géneros – que os enredam num estilo de vida que têm dificuldade em deixar. Aqueles indivíduos, também, apresentam altos níveis de vitimização, um padrão similar aos assaltantes de residências e aos traficantes de droga.

Num outro estudo de St. Louis, concluiu-se que os ladrões à mão armada, também, se envolviam em inúmeras outras ofensas incluindo assaltos a residências, tráfico de droga, furto de veículos, e ofensas corporais.¹⁶ Foi observado um padrão em que os ofensores se envolviam em ofensas de menor gravidade, eram vitimizados como consequência, e retaliavam ao se envolverem num roubo. Este padrão aumenta o seu nível ofensivo, tanto em termos de frequência como de gravidade.

Poucos destes ofensores escolhem denunciar as suas vitimizações às autoridades. A falha em denunciar as vitimizações, claramente, está relacionada com o seu envolvimento nas ofensas. As conclusões indicam que, encorajar os ofensores a denunciarem as suas vitimizações, é fundamental para se prevenir futuras ofensas. Pela falta em recorrerem ao sistema legal, muitos ofensores fazem justiça pelas próprias mãos, contornando os meios legais e, por isso, aumentam as probabilidades de se envolverem em crimes adicionais.

Membros de gangues

As entrevistas a membros de gangues ativos têm sido realizadas desde o começo do século XX. O financiamento federal resultou em inúmeros estudos visando o impacto das políticas, as motivações para a adesão e para ofender, e sobre as potenciais soluções para o problema dos gangues. Aquelas entrevistas forneceram uma imagem dos membros dos gangues que reforça a ideia que se tem dos toxicod dependentes, dos traficantes de droga, dos assaltantes de residências, e dos ladrões à mão armada.

Os membros dos gangues envolvem-se numa variedade de ofensas – um fenómeno a que os estudiosos chamam de "cafeteria-style offending" (estilo ofensivo de café).¹⁷ Estes ofensores escolhem e decidem as suas ações ofensivas de entre uma grande diversidade de opções. Numa semana esses ofensores poderão ser assaltantes de residências, no dia seguinte poderão ser ladrões à mão armada, e da parte da tarde poderão furtar uma viatura. É um erro encarar-se estes indivíduos como especialistas, contudo, tal perceção é compreensível uma vez que, tipicamente, se encaram estes indivíduos somente tendo em conta as ofensas pelas quais são detidos. Também, é evidente, nestes estudos, que os membros dos gangues experienciam um grande volume de vitimizações. A pertença a um gangue é, também, algo de transitório. Muitos dos jovens que aderem aos gangues tendem a fazê-lo por períodos relativamente curtos. Durante os períodos em que eles são membros ativos dos gangues, os seus níveis ofensivos e de vitimização são elevados, se comparados com ambos os períodos de tempo antes de aderirem aos gangues e após deixarem os gangues.

Uma das características mais notáveis dos membros dos gangues é o seu nível de gabarolice acerca do facto de pertencerem a um gangue. À medida que a mesma história é contada e recontada, eles atingem um status "mítico". Catalogados através das suas conversas, e ensurdecidos pelas atividades do gangue, passam a sentir-se como algo de importante, mas não passa disso mesmo, simplesmente, conversa da treta. Uma forma de o fazer é trazendo a lume múltiplas fontes de dados para lidar com o mesmo assunto. Nesta perspectiva, deveremos encontrar o máximo de informação possível para lidar com uma investigação que envolva um membro de um gangue. Isto deverá incluir os registos escolares, as entrevistas aos progenitores, Informações dos tribunais de menores, formulários dos interrogatórios de campo, os registos das divisões dos serviços de proteção aos jovens, e as entrevistas aos familiares e colegas.

Ofensores com armas de fogo

Têm sido realizadas um número significativo de entrevistas a ofensores envolvidos no uso de armas de fogo. Aqueles estudos reforçam o que se tem aprendido em estudos anteriores e que incluem a versatilidade dos ofensores, os seus elevados níveis de vitimização, e o fácil acesso às armas de fogo.

Num estudo, perto de 1.900 presos foram entrevistados em 10 estabelecimentos prisionais estatais.¹⁸ 50% dos presos foram classificados como criminosos armados. Três quartos das pessoas entrevistadas eram proprietárias de, pelo menos, uma arma e, de entre este grupo, três quartos eram proprietários de várias armas de fogo curtas. Por isso, não é surpreendente que a maioria dos presos tenha usado uma arma na consumação dos seus crimes. Muitos dos presos relataram que tinham uma arma para se protegerem, que eram donos de armas pequenas e baratas, e que preferiam armas de fogo de grande calibre e de grande qualidade. É importante referir que os meios informais e ilegais dominam os métodos pelos quais os presos obtêm as armas de fogo, e que a maioria dos presos disse que podiam obter uma qualquer

arma de fogo no espaço de algumas horas. Este panorama do mercado ilegal de armas de fogo é consistente com a percepção que se tem do tráfico de armas nas ruas, como algo que se processa de forma informal, tipo “passa palavra”, e facilmente acessível aos ofensores. Isto, também, reforça a ideia de que os ofensores não são facilmente dissuadidos pelas hipóteses de serem detidos e pelas penas por posse ilegal de armas de fogo.

As entrevistas a jovens encarcerados do sexo masculino e a homens do interior das cidades demonstraram que a posse de armas de fogo era comum entre aqueles grupos.¹⁹ Não é surpreendente que o envolvimento no tráfico de droga tenha importantes implicações no aumento do porte e do uso de armas de fogo. As confissões de porte de armas de fogo foram, também, elevadas entre aqueles que não estavam envolvidos no tráfico de droga. Juntando tudo, aqueles relatos sugerem a importância de ser monitorizada a aquisição de armas de fogo por aqueles em risco de se virem a envolver em violência com o recurso a armas de fogo, quer sejam como vítimas, ou como ofensores e, mesmo, em idades precoces. Outros estudos apoiam as conclusões de que existe uma forte relação entre o envolvimento no tráfico de droga, a pertença aos gangues e a posse e o uso de armas de fogo.

O “Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms (ATF)” (agora denominado Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives) iniciou, há vários anos atrás, um programa que abrangeu 17 cidades. Este programa foi concebido para, de uma forma abrangente e completa, sinalizar e estudar todos os crimes com armas de fogo e para fornecer os resultados dos seus estudos aos elementos das autoridades locais, para melhorarem as suas atividades e os seus procedimentos acusatórios. A parte maior desta iniciativa prendeu-se com a realização de entrevistas a todos os ofensores que possuíam uma arma de fogo ilegal, assim como aos seus comparsas. Esta informação é importante, porque poderá servir como recurso para futuras investigações, assim como para formar um pilar de conhecimentos para os esforços policiais de resolução de problemas. As entrevistas revelaram que havia muitas mulheres que compravam armas para os criminosos que o não podiam fazer e, agora, a ATF inclui, como categoria preocupante das suas estatísticas, as múltiplas compras de armas de fogo por um mesmo comprador.

A “Strategic Approaches to Community Safety Initiative – SACSI” foi uma iniciativa de resolução de problemas financiada pelo “National Institute of Justice” em 10 cidades, para lidar com os problemas locais escolhidos por cada cidade. Baseada, mais ou menos, na abordagem adotada pelo “Boston Gun Project”, aquelas cidades formaram task forces, identificaram os problemas relacionados com as armas de fogo e formularam estratégias para tratar dos problemas. A maioria as cidades escolheu, mesmo, os crimes com armas de fogo como sendo o seu problema. Em Detroit, a simples posse de armas de fogo passou a ser o foco da atenção da intervenção, uma vez que ficou demonstrado, no estudo à resolução do problema, que os indivíduos acusados de transportarem consigo uma arma escondida, ou pelo seu uso ilegal (tipicamente, eram acusados de violarem uma postura municipal), frequentemente, também, eram detidos por ofensas corporais mais sérias. As entrevistas a grupos-alvo, em Rochester (NY), comprovaram que o fácil acesso a armas de fogo se emparceirava com o conhecimento de que as acusações por uso ilegal de armas estavam a aumentar. Apesar disto, poucos ofensores demonstraram disponibilidade para desistirem das suas armas, alegadamente,

devido à perigosidade das ruas. As entrevistas aquando das detenções, realizadas em Indianópolis, demonstraram que os detidos eram sabedores das diversas iniciativas que estavam a ser desenvolvidas localmente e que, de alguma forma, eram recetivos às mensagens acerca da redução do porte de armas. As entrevistas aquando das detenções, realizadas em St. Louis, demonstraram um alto nível de conhecimentos, pelos detidos, quanto às penas previstas pelos crimes cometidos com armas de fogo, particularmente quanto às penas mais pesadas impostas pelas acusações federais se comparadas com as do estado do Missouri. Quando questionados se temiam mais as punições impostas pelo sistema de justiça criminal ou o serem apanhados na rua sem as suas armas, os detidos dividiram-se em dois grupos idênticos. Esta conclusão indica a necessidade de se aumentar a credibilidade das ameaças de detenção, de acusação, e de prisão entre os ofensores.

Sumário das conclusões das entrevistas aos ofensores

Quais são as ilações fundamentais que se podem tirar desta abordagem?

- **Os ofensores são versáteis.** Andam poucos especialistas por aí. Muitos dos ofensores empregam uma abordagem tipo “estilo de café” para ofender, isto é, os ofensores envolvem-se numa diversidade de ofensas e são oportunistas. Isto é particularmente importante para as investigações ao tráfico de droga, uma vez que as entrevistas aos ofensores ativos têm demonstrado que os ofensores envolvidos com as drogas se envolvem em múltiplas ofensas. De facto, não existe outro grupo que seja tão versátil quanto o dos ofensores que estão envolvidos na droga.
- **As ofensas têm altos e baixos.** Mesmo os ofensores mais ativos têm períodos em que não ofendem. Acrescentando, existem ciclos nas carreiras ofensivas dos ofensores individuais, assim como nos padrões genéricos das ofensas. Aqueles padrões variam consoante o dia da semana, a altura do dia, a natureza dos companheiros, a idade, o género, e as condições económicas.
- **Existem diversos elementos-chave para se compreender os motivos dos ofensores ativos.** Naqueles, podemos incluir as borgas, a manutenção das aparências, as dinâmicas do grupo, a autoproteção e a retaliação. Poucos crimes são cometidos para suprir necessidades económicas, como para pagar a renda da casa ou as prestações do carro. As ofensas cometidas em parceria com outros são uma constante na maioria das ofensas, particularmente entre os jovens cujos crimes são significativamente cometidos num contexto de grupo.
- **O estilo de vida desempenha um papel importante nas ofensas.** As entrevistas e as observações aos ofensores ativos prometem desvendar mais a respeito dos seus estilos de vida que, simplesmente, as entrevistas aos ofensores presos. Em particular, a “lei da rua”:²⁰ que consiste num conjunto de valores acerca do ser-se duro, de não se aninhar, e de defender a própria reputação; é muito mais evidente nas entrevistas com os

ofensores ativos que nas entrevistas realizadas nas prisões, ou ao se rever os registos policiais, ou dos tribunais.

- **A vitimização entre os ofensores é bastante elevada e motiva muitas das suas ofensas.** Existe muito pouca lealdade entre os ofensores, muitos dos quais, ou porque se vitimizam uns aos outros, ou porque não se emparceiram muito bem por longos períodos.

- **Os ofensores reagem às sanções, ou à ameaça de sanções, mas só de uma forma limitada e sob certas circunstâncias.** A viabilidade das ameaças está ligada aos assuntos do estilo de vida e à limitada racionalidade. Os métodos tradicionais de dissuasão raramente funcionam entre os ofensores mais agressivos, pelo que se torna necessário empregar técnicas mais inovadoras como as usadas no “Boston Gun Project” ou na iniciativa VIPER de Indianápolis.

- **As carreiras dos ofensores têm um início e um fim.** Acelerar o final, atrasar o início, e reduzir os picos de atividade: cada um destes pontos requer diferentes estratégias, mas cada um deles trás dividendos. Aqui, a relação idade/crime desempenha um papel, sendo importante compreender-se o ciclo de vida dos ofensores.

Recomendação concreta

sobre a forma de realizar as entrevistas aos ofensores

A tradição de se estudar as entrevistas aos ofensores tem uma longa história porque, potencialmente, tem fortes aplicações no policiamento. De facto, a polícia usa as entrevistas diariamente, nas suas investigações, nas detenções, e no serviço de rua. O que este guia fornece é um conjunto de procedimentos para serem utilizados. Identificamos 11 áreas específicas a se ter em conta:

- 1. Estabelecer o objetivo das entrevistas.*
- 2. Escolher os ofensores a serem entrevistados.*
- 3. Determinar quem deve realizar a entrevista.*
- 4. Encontrar os sujeitos adequados.*
- 5. Convencer os sujeitos a participar.*
- 6. Manter as relações de campo.*
- 7. Realizar as entrevistas.*
- 8. Aferir a veracidade.*
- 9. Analisar os resultados da entrevista.*
- 10. Apresentar as conclusões.*
- 11. Aplicar os resultados da entrevista, de forma tática e estratégica, à resolução dos problemas.*

Os objetivos das entrevistas

Os objetivos da entrevista aos ofensores ativos parecem óbvios: obter informações que ajudem a solucionar ou a prevenir crimes. Mas, as coisas nem sempre são tão lineares como parecem. A primeira decisão a tomar é sobre se, e até que ponto, o objetivo da entrevista servirá para obter informações, tanto táticas como estratégicas: nas situações táticas, a informação é recolhida para ir ao encontro das necessidades de curto prazo, ou para as investigações ou atividades a decorrer; para os propósitos estratégicos, a informação dos ofensores ativos será de muita utilidade para se compreender os motivos, a seleção dos alvos, as parcerias para ofender, ou disponibilização dos bens furtados. Usar os conhecimentos obtidos através das entrevistas aos ofensores ativos pode funcionar um pouco como as inteligências estratégicas no campo militar. Acrescentando, tais informações poderão desempenhar um papel útil no planeamento e na formação e treino policial.

Identificar as perguntas a fazer poderá ser a parte mais importante do processo. O primeiro lugar por onde se deve começar é com os questionários que têm sido usados para propósitos semelhantes. Muitos estudiosos estão na disposição de partilhar os seus questionários. É importante que se consulte alguém com experiência em construir aquele tipo de questionários para nos aconselhar sobre a forma de ordenar as questões, sobre como fazer as perguntas,

como usar provas indiciadoras, e como fazer perguntas complementares. É, também, importante que se teste previamente o questionário, com vários sujeitos, antes de o usar na realidade.

Quem se deve entrevistar

Determinar quem se deve entrevistar é, igualmente, importante. Não se podem entrevistar todos os suspeitos, todas as pessoas com algum interesse, ou todos os detidos; simplesmente, porque não há tempo suficiente para isso, nem pessoal disponível para tal. Os ofensores bastante ativos, particularmente quando não se encontram na situação de detidos, podem ser uma das fontes de informações mais úteis para os propósitos estratégicos. O terreno é um excelente local para se realizar tais entrevistas. Também, nalgumas situações de custódia policial, particularmente pouco tempo antes da libertação sob fiança ou aquando do cumprimento de mandados judiciais, as entrevistas poderão ser produtivas. Tal como nos interrogatórios militares, que se realizam aos soldados inimigos capturados, precisamos recolher informações dos ofensores ativos quando eles se encontram em situação vulnerável e na disposição de falar, como quando estão em recobro hospitalar, ou quando enfrentam um julgamento ou uma sentença.

Muitos ofensores poderão fornecer mais informações após terem sido condenados, talvez por se encontrarem sob supervisão comunitária por outras ofensas prévias à sua condenação. É importante que as entrevistas não se foquem, simplesmente, nas características da recente ofensa. Muitos ladrões conhecem muito bem os mercados de droga, os recetadores de bens, e outras formas de criminalidade das ruas. É, pois, importante recolher-se estas informações antes que sejam libertados. Em muitos casos, os ofensores estão com mais disposição para falar acerca das outras ofensas que não aquelas pelas quais estão detidos.

Entrevistar os ofensores ativos fornece uma visão mais aproximada sobre as ofensas que as entrevistas nas prisões. Os ofensores que acabam na prisão são um grupo muito especial, no sentido em que eles são uns “falhados”: são os criminosos que se deixaram apanhar. Entrevistar os ofensores ativos faz com que haja mais probabilidades que a informação acerca dos motivos, das técnicas, e das associações, seja mais aproximada a uma ofensa concreta e, por isso, mais válida. Os estudos documentam que os assaltantes de residências no ativo, que não se deixaram apanhar, desenvolvem os seus assaltos de forma diferente da dos indivíduos que foram detidos ou condenados. A chave para o seu sucesso, como tem sido visto pelas entrevistas, consiste em terem uma rotina e em manterem-se, estritamente, fiéis a ela. Estas entrevistas e observações são importantes, porque elas pintam um quadro diferente, a respeito das ofensas, do que aquele que emerge quando nos apoiamos, somente, nas fontes policiais. A polícia, por norma, responde às ofensas mais graves e aos ofensores mas, frequentemente, deixa escapar os indivíduos no início da sua “carreira” e do seu envolvimento no sistema de justiça criminal.

Quem deve realizar a entrevista

Muitos dos estudos, que foram realizados com ofensores ativos, demonstram que a escolha dos entrevistadores é muito importante. As duas primeiras escolhas são: realizar as entrevistas através de polícias nas instalações policiais; e contratar outro grupo para realizar as entrevistas. Existem vantagens em ambas as escolhas. Por exemplo, as polícias podem ser hábeis a entrevistar e podem dispor de detalhes que a poderão conduzir a confrontar os ofensores com mais minúcia. Por outro lado, um entrevistador habilidoso, proveniente do exterior, poderá apresentar-se como menos ameaçador para os ofensores, pelo que poderá obter mais informações. Se a realização das entrevistas for contratada a uma firma de estudos, ou a uma equipa de académicos, devem ser fornecidas instruções claras e específicas com vista ao que se pretende, e o questionário deve ser combinado entre as partes. As vantagens em se emparceirar com estudiosos, para se aprender mais, não devem ser ignoradas. Existe grande quantidade de programas que funcionam desta forma, como o “Arrestee Drug Abuse Monitoring system (ADAM)” e o “Project Safe Neighborhoods”. Se a realização das entrevistas for entregue a outro grupo, devemos nos assegurar que especificamos quais os tipos de informações que mais nos interessam. Isto pode ser conseguido através da revisão prévia dos questionários, antes de se dar início ao processo de pesquisa. As questões de natureza ética poderão ditar que as entrevistas sejam conduzidas por pessoal não ajuramentado, nos casos em que agentes policiais estejam envolvidos de forma ativa e em que seja necessário entrevistar potenciais suspeitos.

§ Como forma de procedimento generalizado, nos EUA, a polícia pode entrevistar os ofensores acerca dos seus padrões ofensivos, em geral, e hábitos sem que despolette a necessidade de se notificar os suspeitos acerca dos seus direitos constitucionais contra a auto-incriminação e o acesso a advogado. Deveremos procurar aconselhamento legal se tivermos dúvidas acerca da legalidade do nosso plano de intervenção.

A escolha do entrevistador é tão importante como a escolha do sujeito a ser entrevistado. Claramente, o valor dos conhecimentos a respeito do sujeito é de importância crítica por parte do entrevistador. Igualmente importante é o compromisso em, e a habilidade para, pensar estrategicamente, procurando as aplicações mais adequadas para as informações recolhidas na entrevista. A habilidade para sondar as informações em profundidade, para confrontar o entrevistado com as inconsistências ou as aparentes falsidades, e para conseguir fazer a ligação entre diferentes tipos de crime, são qualidades importantes para um entrevistador. Tipicamente, aquelas qualidades são encontradas num detetive veterano, embora nem sempre. Harmonizar a raça e o género do entrevistador e do entrevistado não é importante, embora seja desejável.

Como encontrar os sujeitos mais adequados

As polícias, tipicamente, não têm falta de sujeitos adequados para entrevistar: por exemplo, os ofensores com longos históricos de agressão ou os sujeitos associados a tais ofensores. Contudo, poderemos necessitar de expandir a nossa área de procura para conseguir encontrar sujeitos adequados. As tabernas, as lojas de conveniência, as lavagens de carros, os restaurantes de fast food, os terrenos abandonados, as esquinas de ruas, as áreas de espera

dos serviços de urgência dos hospitais e à sua volta, os escritórios dos serviços de reinserção social, as vielas, os campos de basquetebol, poderão ser áreas adequadas onde se poderá procurar e “apanhar” sujeitos para entrevistar. De alguma forma, este conselho faz sentido e representa uma estímulo para se encontrar os ofensores “no seu próprio terreno”, onde eles têm mais probabilidades de se sentir à vontade e, mais importante, onde terão mais probabilidade de cooperar.²¹ Entrevistar ofensores, enquanto sob detenção, poder-nos-á fornecer informações úteis, mas ainda maiores ganhos poderão ser alcançados quando o círculo, onde as entrevistas são realizadas, é expandido para incluir os locais que costumam frequentar.

Convencer os sujeitos a participar

Este é o assunto fundamental, é um dos requisitos para o sucesso ou o falhanço, no processo de obtenção de informações úteis. Muitos dos estudos bem sucedidos realizados com ofensores no ativo têm-lhes fornecido incentivos para participar, seja através de pagamentos em dinheiro (o que parece ser a forma mais eficaz), seja através de outras vantagens. Na comunidade académica, os princípios do consentimento informado e da proteção dos direitos humanos são deveres que guiam as suas atividades. Tipicamente, as polícias não se encontram em posição para poder oferecer aqueles incentivos. Muitos estudiosos chegaram à conclusão que os ofensores, frequentemente, estão ansiosos por falar acerca dos seus próprios feitos e dos de outros. Afinal de contas, muitos ofensores tem uma tendência para se gabarem acerca daquilo que exploram, ou das coisas de que sabem, mas têm dificuldade em encontrar maneiras de o fazer. A tradição de oferecer algum tipo de compensação pelas informações é uma prática de longa data no policiamento, através do uso de informadores confidenciais, mas poderão existir outras formas expeditas nas quais os incentivos para falar acerca das ofensas lhes possam ser dados. Deveremos consultar o ministério público local para garantir que qualquer incentivo dado aos ofensores não irá violar as leis, as políticas, ou a ética profissional.

Consentimento informado

Os ofensores entrevistados deverão compreender os propósitos das questões que lhes são postas; as prováveis consequências decorrentes do que responderem, da sua recusa em responder, ou de responderem às questões com falsidades; o que receberão pela sua cooperação, se é que receberão alguma coisa; do seu direito em recusar participar; e quaisquer outras informações que lhes permita dar o seu consentimento informado para participar.^{§§}

§ Para orientações sobre a proteção federal dos EUA dos Direitos Humanos dos sujeitos, ver o Code of Federal Regulations (28CFR46.101-124).

§§ O U.S. Code of Federal Regulations (28CFR46.116) oferece orientações sobre os requisitos para um consentimento informado.

Manter as relações de campo

Assim que os ofensores tenham concordado em falar e tenham fornecido informações acerca dos padrões criminais e das técnicas usadas, torna-se importante que a comunicação se mantenha em aberto. Alguns estudiosos relatam que os ofensores começam a aparecer na sua universidade após terem ouvido dizer, por um seu conhecido, que estava a ser realizado um estudo a respeito dos assaltos, dos roubos, ou dos membros dos gangues. Manter os sujeitos envolvidos numa base permanente poderá ser, particularmente, recompensador quando surge a necessidade de informações táticas acerca de um tipo específico de ofensa, já que tais sujeitos poderão desempenhar um papel bastante útil nesta operação.

Realizando as entrevistas

É importante que, dentro do possível, sejam registadas o máximo de informações durante uma entrevista. Muitos estudiosos gravam as suas conversas com os ofensores e transcrevem-nas para as analisar posteriormente. Isto poder-se-á mostrar impossível de realizar na maioria das interações entre a polícia e os ofensores. Contudo, tomar notas dos detalhes mais importantes é uma boa ideia e é indispensável que seja feito. É igualmente importante que o local onde a totalidade da entrevista for realizada não coloque o ofensor em risco indevido. Realizar as entrevistas com roupas informais poderá aliviar alguns dos receios do ofensor e, isso, certamente, evitará pôr outros de sobreaviso quanto ao facto do ofensor ser um informador da polícia. Muitos estudiosos chegaram à conclusão que entrevistar pessoas em locais públicos era contraproducente e que algum grau de privacidade fornece segurança e um conjunto mais útil de informações. É importante notar-se que estamos a falar de entrevistas e não de interrogatórios.

As entrevistas podem ser realizadas em grupo, segundo uma metodologia focada no grupo, ou individualmente. Alguns argumentam que, quando os ofensores são entrevistados em grupo, existe menos gabarolice e exageros, porque os restantes elementos do grupo irão contradizer quem estiver a exagerar. Acrescentando, as entrevistas em grupo, particularmente quando os entrevistados estão sob custódia policial, poderá desfazer alguns dos receios acerca de se vir a ser apelidado de “bufo” ou “ave canora”. Outros chegaram à conclusão que, ao se entrevistar cada indivíduo à vez, é provável que sejam fornecidas informações mais aprofundadas e permita a realização da mesma de forma mais ordenada. Não existe uma resposta correta a este dilema, contudo, podemos deixar aqui alguns conselhos: primeiro, se a natureza das questões for acerca de ofensas em grupo, como as atividades dos gangues ou os assaltos, as entrevistas em grupo poderão fazer mais sentido; se a atividade for cometida, provavelmente, por um único indivíduo, então uma entrevista individual poderá ser melhor.

Aferir a veracidade

Os estudiosos são sensíveis às alegações de que os ofensores poderão nem sempre dizer a verdade, seja por se gabarem acerca de ofensas que não cometeram, ou porque escondem as ofensas que cometeram. Geralmente, os estudiosos têm sido bastante cautelosos ao tentarem descobrir a forma como poderão validar o que lhes é relatado. Isto tem sido feito de diversas maneiras:

- Por vezes, isto é feito através da repetição das entrevistas e das observações ao mesmo sujeito de estudo, para aferir a veracidade quanto ao que o sujeito contou.*
- Noutras ocasiões, as entrevistas que são realizadas a diferentes indivíduos, com vista à mesma ocorrência, são comparadas para se determinar, até que ponto, todos eles contam a mesma “história”.*
- Um terceiro método para se validar as respostas é comparando as respostas do ofensor com aquilo que é sabido de outros grupos, relativamente aos seus comportamentos. Quando falamos noutros grupos incluímos a polícia (usando-se os registos das detenções ou os formulários das entrevistas de campo), as escolas, os funcionários dos tribunais de menores, e outros adultos da comunidade.*
- As observações podem ser combinadas com técnicas de entrevista, para se determinar se o conjunto das respostas corresponde a outras coisas entretanto conhecidas pelo estudioso através das suas observações.*
- Nalguns casos, os estudiosos usaram os registos oficiais, detetores de mentiras, ou análises à urina, para confirmar, até que ponto, o que os sujeitos lhes estavam a contar era verdade. O que na generalidade foi concluído, daqueles esforços de validação, foi que, tal como a maioria das pessoas, os ofensores nem sempre são verdadeiros ao contar pormenores sobre os seus comportamentos. Nalguns casos, os ofensores relatam mais crimes e mais detenções que uma conferência aos registos revela.²²*

A habilidade do estudioso em obter informações válidas é desenvolvida através de um número de fatores: um primeiro fator consiste na habilidade de entrar no local da entrevista, ou da observação, já na posse de alguns conhecimentos a respeito do comportamento, ou da comunidade, que se procura estudar; um segundo fator que ajuda a desenvolver a confiabilidade de tais informações é usando múltiplas aferições do mesmo conceito. Por exemplo, um ofensor poderá ser questionado acerca da propriedade de uma arma, de diversas maneiras e em diversas ocasiões. A combinação das informações, provavelmente, irá dar-nos uma imagem mais válida sobre a propriedade de tal arma. Os estudiosos, também, poderão basear-se no que é sabido, por outras fontes de informação, acerca do comportamento específico que interessa. Desta forma, os relatórios criminais, os estudos prévios, e todo o conjunto alargado de entrevistas, com os associados ao indivíduo do nosso interesse, poderão revelar-se frutuoso.

Analisar os resultados da entrevista

Os resultados da entrevista a um ofensor, frequentemente, são bastante úteis. O benefício real destas entrevistas surge quando várias delas se podem juntar para nos fornecer uma imagem mais abrangente a respeito da ofensa. Por exemplo, o trabalho realizado por Wright e Decker (1994), com assaltantes de residências no ativo, identificou os padrões pelos quais os assaltantes anulavam os procedimentos contra si pelos seus crimes, demonstrando as principais categorias de agir, assim como as diferentes maneiras, dentro daqueles tipos, que usavam para esse fim. Existem inúmeros pacotes de software que poderão ser usados, com bastante facilidade, para se ordenar os resultados das entrevistas, para determinar padrões e para criar classificações. Tais softwares podem ser usados para se analisar os textos dos relatórios policiais, onde tais relatórios existirem em formato de texto informatizado. Aqui está uma área onde a ajuda de um analista criminal poderá ser de grande valia para desenvolver a utilidade da análise. Aqueles instrumentos podem ajudar-nos a espremer ao máximo a utilidade das Informações que a tão grande custo foram recolhidas.

Apresentar as conclusões

Uma das coisas importantes que se podem fazer com a informação recolhida dos ofensores no ativo é transmitindo-a a outros no seio do departamento de polícia, assim como aos outros departamentos de polícia e a organismos do sistema de justiça. Os serviços de reinserção social, de acompanhamento da liberdade condicional e do ministério público, todos poderão encontrar algum tipo de utilidade em tais informações: para monitorizarem os ofensores, ou para prepararem os casos. É provável que as agências de polícia enfrentem, em grande medida, alguns assuntos comuns. O objetivo da recolha de tais Informações é o de acabar por conseguir um produto que seja útil e que possa ser aplicado numa ampla variedade de circunstâncias. Nada diminui mais a utilidade da informação como apresentá-la de uma maneira indecifrável, ou excessivamente complicada. Sumários apresentados numa minuta com os pontos-chave, um ou dois gráficos simples, e sugestões acerca dos passos necessários para a ação, são a forma mais segura de fazer com que a informação se transforme em ação.

Da mesma forma que qualquer análise, as conclusões devem ser apresentadas à volta de conceitos-chave e temas. Estes conceitos e temas devem ser extraídos do âmago da iniciativa de resolução do problema. Os resumos daquilo que um sujeito individual disse são, geralmente, menos úteis que os resumos daquilo que todos os sujeitos disseram a respeito de um sujeito em particular. Muitos estudiosos chegaram à conclusão que, discutir as suas conclusões entre si e, de seguida, discuti-las com os seus sujeitos de estudo tem sido produtivo.

Aplicação tática e estratégica dos resultados da entrevista à resolução de problemas

O produto resultante das entrevistas com ofensores no ativo pode ser bastante útil. Como foi referido acima, um dos assuntos-chave que foram compreendidos, como resultado daquelas entrevistas, é o papel que o estilo de vida desempenha nos atos ofensivos. As entrevistas e as observações aos ofensores ativos prometem vir a descobrir mais a respeito dos seus estilos de vida que, simplesmente, as entrevistas aos ofensores nas prisões. Tais entrevistas e observações são importantes porque elas esquematizam um enquadramento das ofensas diferente daquele que nos surge quando nos baseamos, somente, nos registos das forças de segurança. Acrescentando, as entrevistas têm demonstrado que os ofensores nem sempre percebem o que lhes é sugerido, da forma como esperamos. Determinar as suas perceções pode ser a chave para as intervenções bem sucedidas.

Existem numerosos exemplos das diferenças entre as panorâmicas das ofensas e dos ofensores que a polícia e os estudiosos de campo têm revelado. Prestando atenção à entrevista e, mais ainda, ao interrogatório dos ofensores pode ajudar a contrabalançar este desfasamento e pode-nos fornecer informação que poderá estabelecer as bases para uma melhor resolução dos problemas.

O departamento da polícia de Plano, no Texas, desenvolveu um trabalho que é um bom exemplo da aplicação destes princípios.²³ Tendo determinado que o consumo de álcool pelos menores era um problema naquela cidade, um agente policial designado para a resolução daquele problema realizou entrevistas aos empregados das lojas de venda de bebidas. Aquelas entrevistas revelaram o pouco receio que os menores tinham em serem “apanhados” por consumirem álcool, o que era acompanhado pelo limitado conhecimento sobre as leis que regulamentam a venda de álcool a jovens de menor idade. Esta informação foi usada para orientar uma campanha de informação destinada a fazer aumentar a consciencialização sobre a legalidade e as penalidades associadas às leis contra a venda de álcool a menores. As vendas a menores diminuíram significativamente. Em Lancashire, na Grã-bretanha, os agentes policiais observaram a gravidade do problema com os consumos de cocaína e de crack. Foram realizadas entrevistas a 10 dos indivíduos mais envolvidos naquele tipo de consumos e em ofensas como roubos, assaltos, e crimes envolvendo viaturas. Aquelas entrevistas determinaram que existia uma lacuna nas sinalizações dos ofensores ao tratamento das toxicodependências. Como consequência, a polícia trabalhou no sentido de colmatar o fosso existente no sistema de sinalização dos ofensores aos serviços de tratamento, assim como para chamar à responsabilidade aqueles indivíduos pelos seus comportamentos. Registou-se um decréscimo de 30% na criminalidade.²⁴

A bem sucedida Operação Ceasefire de Boston usou entrevistas com membros de gangues em atividade para determinar a preferência por armas e para confirmar o papel que o tráfico de droga tinha nos gangues.²⁵ os resultados daquelas entrevistas fizeram mudar o foco das

estratégias relativas à interdição de armas e conduziu ao uso de patrulhamento direcionado para combater as vendas de droga pelos gangues, alturas em que os tiroteios irrompiam.

Numerosos, outros, exemplos do uso bem sucedido das entrevistas a ofensores ativos, levadas a efeito pelas agências de polícia, podem ser encontrados. Aqueles exemplos incluem muitos projetos POP que receberam reconhecimento pelo seu impacto. De entre eles incluímos o uso de entrevistas com prostitutas, realizadas pela Lancashire Constabulary²⁶, com "clientes" e prostitutas em Buffalo²⁷, e com assaltantes em Chula Vista, na Califórnia.²⁸ Em cada caso, aqueles projetos ilustram a praticabilidade, assim como o impacto, de tal abordagem. Entrevistar ofensores ativos pode contribuir para o desenvolvimento dos projetos POP em execução, ou levar à criação de novos projetos. Em qualquer dos casos, os conhecimentos obtidos dos ofensores ativos podem fornecer informações estratégicas importantes para se reorientar as intervenções, ou para gerar novas respostas.

Notas finais

- 1 Wright e Decker (1997); Jacobs (2000).
- 2 Wright e Decker (1994, 1997); Jacobs (1999, 2000).
- 3 Johnson e outros (1985).
- 4 Waldorf, Reinerman, e Murphy (1991). 5 Johnson e outros (1985); Waldorf, Reinerman, e Murphy (1991).
- 6 Bourgois (1995).
- 7 www.ojp.usdoj.gov/eows/
- 8 <http://ojjdp.ncjrs.org/jaiba/>
- 9 www.psn.gov/
- 10 www.adam-nij.net/ Este programa foi suspenso no início de 2004.
- 11 Cromwell, Olson, e Avery (1991).
- 12 Rengert e Wasilchick (2000).
- 13 Wright e Decker (1994).
- 14 Wiles e Costello (2000).
- 15 Jacobs (2000).
- 16 Wright e Decker (1997).
- 17 Klein (1995).
- 18 Wright e Rossi (1986).
- 19 Sheley e Wright (1995).
- 20 Anderson (1999).
- 21 Wright e Decker (1997), Wright e Decker (1994), Decker e Van Winkle (1996), Jacobs (1999), Cromwell, Olson e Avery (1991).
- 22 Wright e Decker (1994).
- 23 Plano Police Department (2003).
- 24 Lancashire Constabulary (2003a).
- 25 Boston Police Department (1998).
- 26 Lancashire Constabulary (2003b).
- 27 Buffalo Police Department (2001).
- 28 Chula Vista Police Department (2001).

Referências

Anderson, E. (1999). **Code of the Street: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City**. New York: Norton and Company.

Boston Police Department (1998). "**Operation Ceasefire. Deterring Youth Firearm Violence.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em [www.popcenter.org/Library/Goldstein/1998/98-08\(W\).pdf](http://www.popcenter.org/Library/Goldstein/1998/98-08(W).pdf)

Bourgois, P. (1995). **In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio**. New York: Cambridge University Press.

Buffalo Police Department (2001). "**Workable Solutions to the Problem of Street Prostitution in Buffalo, N.Y.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em www.popcenter.org/Library/Goldstein/2001/2001.pdf

Chula Vista Police Department (2001). "**The Chula Vista Residential Burglary Reduction Project.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em www.popcenter.org/Library/Goldstein/2001/2001.pdf

Cromwell, P., J. Olson, e D. Avery (1991). **Breaking and Entering: An Ethnographic Analysis of Burglary**. Newbury Park, California: Sage. Decker, S., e B. Van Winkle (1996). **Life in the Gang: Family, Friends and Violence**. New York: Cambridge University Press.

Jacobs, B. (1999). **Dealing Crack: The Social World of Streetcorner Selling**. Boston: Northeastern University Press.

(2000). **Robbing Drug Dealers**. Boston: Northeastern University Press.

Johnson, B., P. Goldstein, E. Preble, J. Schmeidler, D. Lipton, B. Spunt, e T. Miller (1985). **Taking Care of Business: The Economics of Crime by Heroin Abusers**. Lexington, Massachusetts: Lexington Books.

Klein, M. (1995). **The American Street Gang**. New York: Oxford. Lancashire Constabulary (2003a). "**The Tower Project. Blackpool Community Safety Project.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em [www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-59%20\(F\).pdf](http://www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-59%20(F).pdf)

(2003b). "**Operation Kerb: Multi-Agency Problem Solving Approach to Street Prostitution in Preston.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em [www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-56%20\(F\).pdf](http://www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-56%20(F).pdf)

Miller, J. (2001). **One of the Guys: Girls, Gangs, and Gender**. New York: Oxford University Press.

Plano Police Department (2003). "**Underage Drinking: More Than a Minor Issue.**" Submetido ao concurso Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Disponível em [www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-27%20\(F\).pdf](http://www.popcenter.org/Library/Goldstein/2003/03-27%20(F).pdf)

Rengert, G., e J. Wasilchick (2000). **Suburban Burglary: A Tale of Two Suburbs**. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas.

Sheley, J., e J. Wright. (1995). **In the Line of Fire**. New York: Aldine.

Waldorf, D., C. Reinerman, e S. Murphy (1991). **Cocaine Changes: The Experience of Using and Quitting**. Philadelphia: Temple University Press.

Wellford, C., J. MacDonald, e J. Weiss (1997). **Multistate Study of Convenience Store Robberies: Summary of Findings**. Washington, D.C.: Justice Research and Statistics Association.

Wiles, P., e A. Costello (2000). **The Road to Nowhere: The Evidence for Traveling Criminals**. U.K. Research Study 207. U.K. Home Office Briefing Note. April.

Wright, R., e S. Decker (1994). **Burglars on the Job: Streetlife Culture and Residential Break-ins**. Boston: Northeastern University Press.

(1997). **Armed Robbers in Action: Stickups and Streetlife Culture**. Boston: Northeastern University Press.

Wright, J., e P. Rossi (1986). **Armed and Considered Dangerous**. New York: Aldine.

Acerca do autor

Scott H. Decker

Scott H. Decker é Professor Curador de Criminologia e de Justiça Criminal e Membro do Centro de Estudos Internacionais na University of Missouri em St. Louis. As pesquisas que mais lhe interessam situam-se nas áreas dos gangues, da justiça de menores, das políticas de justiça criminal, e nas perspectivas dos ofensores. Ele foi parceiro do estudo realizado para o Projeto Safe Neighborhoods no Distrito Este do Missouri e no Distrito Sul do Illinois. Atualmente está a terminar uma avaliação aos programas “Juvenile Accountability Incentives Block Grant” e “Safe Futures” em St. Louis. Os seus mais recentes livros incluem “Life in the Gang” (Cambridge), “Confronting Gangs” (Roxbury), “Policing Gangs and Youth Violence” (Wadsworth), “Responding to Gangs” (National Institute of Justice), e “European Street Gangs and Troublesome Youth Groups” (Alta Mira Press). Decker é detentor de um bacharelato em justiça social pela DePauw University, e mestre e doutorado em criminologia pela Florida State University.

Leituras recomendadas

- **A Police Guide to Surveying Citizens and Their Environments**, do Bureau of Justice Assistance, 1993. Este guia oferece, aos elementos policiais, uma introdução prática a dois tipos de sondagens que poderão ser úteis à polícia: sondagem da opinião pública e sondagem sobre o ambiente físico. Este guia fornece orientações sobre como e de que forma devem ser realizadas sondagens que sejam eficazes em termos de custo/benefício.
- **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers**, da autoria de John E. Eck (do U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2001). Este guia deve ser usado como complemento aos Guias sobre Orientação para os Problemas da série de guias policiais. Ele fornece orientações básicas para medir e avaliar os esforços desenvolvidos no policiamento orientado aos problemas
- **Conducting Community Surveys**, da autoria de Deborah Weisel (do Bureau of Justice Statistics e do Office of Community Oriented Policing Services, 1999). Este guia, juntamente com o software que o acompanha, fornece indicadores básicos e práticos para a polícia usar aquando da realização de sondagens à comunidade. Este documento, já traduzido por mim anteriormente encontra-se disponível em <http://www.popcenter.org/library/translations/> e em www.ojp.usdoj.gov/bjs.
- **Crime Prevention Studies**, editado por Ronald V. Clarke (Criminal Justice Press, 1993, et seq.). estes constituem uma série de volumes sobre estudos teóricos e aplicados sobre a redução das oportunidades para o crime. Muitos capítulos são sobre avaliações de iniciativas para reduzir crimes específicos e problemas causadores de desordem.
- **Excellence in Problem-Oriented Policing: The 1999 Herman Goldstein Award Winners**. Este documento, produzido pelo National Institute of Justice em colaboração com o Office of Community Oriented Policing Services e com o Police Executive Research Forum, fornece relatórios detalhados dos melhores trabalhos submetidos ao concurso anual cujo programa visa o reconhecimento da excelência nas respostas policiais orientadas aos problemas aos vários problemas comunitários. Uma publicação similar encontra-se disponível para os vencedores dos prémios dos anos subsequentes. Este documento também está disponível em www.ojp.usdoj.gov/nij.
- **Not Rocket Science? Problem-Solving and Crime Reduction**, da autoria de Tim Read e Nick Tilley (Home Office Crime Reduction Research Series, 2000). Identifica e descreve os factores que tornam a resolução dos problemas eficaz ou ineficaz da forma como têm sido praticadas pelas forças policiais da Inglaterra e do País de Gales.
- **Opportunity Makes the Thief: Practical Theory for Crime Prevention**, da autoria de Marcus Felson e Ronald V. Clarke (Home Office Police Research Series, Paper No. 98, 1998). Explica como as teorias criminais, como a teoria das actividades de rotina, a teoria da escolha racional e a teoria dos padrões criminais, têm implicações práticas para a polícia e para os seus esforços em prevenir o crime.
- **Problem Analysis in Policing**, da autoria de Rachel Boba (Police Foundation, 2003). Introduce e define a análise dos problemas e fornece orientações sobre como a análise dos problemas pode ser integrada e institucionalizada nas mais modernas práticas de policiamento.

- **Problem-Oriented Policing**, da autoria de Herman Goldstein (McGraw-Hill, 1990, e Temple University Press, 1990). Explica os princípios e os métodos do policiamento orientado aos problemas, fornecendo exemplos de como funciona na prática, e discute como uma agência de polícia pode implementar este conceito.

- **Problem-Oriented Policing and Crime Prevention**, de Anthony A. Braga (Criminal Justice Press, 2003). Fornece uma revisão completa dos estudos policiais mais significativos acerca do que os problemas colocam, dos delinquentes por tendência, e das vítimas repetidas, focando-se na aplicabilidade dessas conclusões ao policiamento orientado aos problemas. Explica como os departamentos de polícia facilitar o policiamento orientado aos problemas através da melhoria das análises criminais, da avaliação do desempenho, e da consolidação de parcerias produtivas.

- **Problem-Oriented Policing: Reflections on the First 20 Years**, de Michael S. Scott (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2000). Descreve de que forma as componentes mais críticas do modelo de policiamento orientado aos problemas, criado por Herman Goldstein, se têm desenvolvido ao longo dos seus 20 anos de história, e propõe futuras direcções para o policiamento orientado aos problemas. Este relatório também se encontra disponível em www.cops.usdoj.gov.

- **Problem-Solving: Problem-Oriented Policing in Newport News**, de John E. Eck e William Spelman (Police Executive Research Forum, 1987). Explica as razões subjacentes ao policiamento orientado aos problemas e ao processo de resolução de problemas, e fornece exemplos de resolução eficaz dos problemas por uma agência de polícia.

- **Problem-Solving Tips: A Guide to Reducing Crime and Disorder Through Problem-Solving Partnerships** de Karin Schmerler, Matt Perkins, Scott Phillips, Tammy Rinehart e Meg Townsend. (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 1998) (também disponível em www.cops.usdoj.gov). fornece uma breve introdução à resolução de problemas, informações básicas sobre o modelo SARA e sugestões detalhadas acerca do processo de resolução de problemas.

- **Situational Crime Prevention: Successful Case Studies**, Segunda Edição, editada por Ronald V. Clarke (Harrow e Heston, 1997). Explica os princípios e os métodos da prevenção situacional da criminalidade, e apresenta mais de 20 casos estudados de iniciativas de prevenção criminal eficazes.

- **Tackling Crime and Other Public-Safety Problems: Case Studies in Problem-Solving**, de Rana Sampson e Michael S. Scott (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2000) (também disponível em www.cops.usdoj.gov). Apresenta casos estudados estudos de resolução eficaz de problemas em 18 tipos de crime de problemas decorrentes de desordem.

- **Using Analysis for Problem-Solving: A Guidebook for Law Enforcement**, de Timothy S. Bynum (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2001). Fornece uma introdução sobre como a polícia deve analisar os problemas em contexto de policiamento orientados aos problemas.

- **Using Research: A Primer for Law Enforcement Managers**, Segunda Edição, de John E. Eck e Nancy G. LaVigne (Police Executive Research Forum, 1994). Explica muitas das bases para a realização de estudos tal como são aplicados à organização da polícia e à resolução de problemas.

Outros guias policiais orientados para a resolução de problemas

Série de guias para problemas específicos:

1. **Assaults in and Around Bars.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-00-2
2. **Street Prostitution.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-01-0
3. **Speeding in Residential Areas.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-02-9
4. **Drug Dealing in Privately Owned Apartment Complexes.** Rana Sampson. 2001. ISBN: 1-932582-03-7
5. **False Burglar Alarms.** Rana Sampson. 2001. ISBN: 1-932582-04-5
6. **Disorderly Youth in Public Places.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-05-3
7. **Loud Car Stereos.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-06-1
8. **Robbery at Automated Teller Machines.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-07-X
9. **Graffiti.** Deborah Lamm Weisel. 2002. ISBN: 1-932582-08-8
10. **Thefts Of and From Cars in Parking Facilities.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-09-6
11. **Shoplifting.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-10-X
12. **Bullying in Schools.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-11-8
13. **Panhandling.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-12-6
14. **Rave Parties.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-13-4
15. **Burglary of Retail Establishments.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-14-2
16. **Clandestine Drug Labs.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-15-0
17. **Acquaintance Rape of College Students.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-16-9
18. **Burglary of Single-Family Houses.** Deborah Lamm Weisel. 2002. ISBN: 1-932582-17-7
19. **Misuse and Abuse of 911.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-18-5
20. **Financial Crimes Against the Elderly.** Kelly Dedel Johnson. 2003. ISBN: 1-932582-22-3
21. **Check and Card Fraud.** Graeme R. Newman. 2003. ISBN: 1-932582-27-4
22. **Stalking.** The National Center for Victims of Crime. 2004. ISBN: 1-932582-30-4
23. **Gun Violence Among Serious Young Offenders.** Anthony A. Braga. 2004. ISBN: 1-932582-31-2
24. **Prescription Fraud.** Julie Wartell e Nancy G. La Vigne. 2004. ISBN: 1-932582-33-9
25. **Identity Theft.** Graeme R. Newman. 2004. ISBN: 1-932582-35-3
26. **Crimes Against Tourists.** Ronald W. Glensor e Kenneth J. Peak. 2004. ISBN: 1-932582-36-3
27. **Underage Drinking.** Kelly Dedel Johnson. 2004. ISBN: 1-932582-39-8
28. **Street Racing.** Kenneth J. Peak e Ronald W. Glensor. 2004. ISBN: 1-932582-42-8
29. **Cruising.** Kenneth J. Peak e Ronald W. Glensor. 2004. ISBN: 1-932582-43-6
30. **Disorder at Budget Motels.** Karin Schmerler. 2005. ISBN: 1-932582-41-X
31. **Drug Dealing in Open-Air Markets.** Alex Harocopos e Mike Hough. 2005. ISBN: 1-932582-45-2
32. **Bomb Threats in Schools.** Graeme R. Newman. 2005. ISBN: 1-932582-46-0
33. **Illicit Sexual Activity in Public Places.** Kelly Dedel Johnson. 2005. ISBN: 1-932582-47-9
34. **Robbery of Taxi Drivers.** Martha J. Smith. 2005. ISBN: 1-932582-50-9

Série de guias de respostas:

- **The Benefits and Consequences of Police Crackdowns.** Michael S. Scott. 2003. ISBN: 1-932582-24-X
- **Closing Streets and Alleys to Reduce Crime: Should You Go Down This Road?** Ronald V. Clarke. 2004. ISBN: 1-932582-41-X

Série de instrumentos para resolução de problemas:

- **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers.** John E. Eck. 2002. ISBN: 1-932582-19-3
- **Researching a Problem.** Ronald V. Clarke e Phyllis A. Schultze. 2005. ISBN: 1-932582-48-7
- **Using Offender Interviews to Inform Police Problem Solving.** Scott H. Decker. 2005. ISBN: 1-932582-49-5

Guias policiais orientados para a resolução de problemas a publicar

Guias para problemas específicos

Domestic Violence
Mentally Ill Persons
Student Party Disturbances on College Campuses
Vandalism and Break-Ins at Schools
Drunk Driving
Bank Robbery
Witness Intimidation
Drive-by Shootings
Runaway Juveniles
Exploitation of Trafficked Women
Disorderly Day Laborers in Public Places
Child Pornography
Crowd Control at Stadiums and Other Entertainment Venues
Traffic Congestion Around Schools

Instrumentos para resolução de problemas

Analyzing Repeat Victimization
Forming and Sustaining Problem-Solving Partnerships with Businesses
Risky Facilities

Guias de respostas

Crime Prevention Publicity Campaigns
Crime Prevention Through Environmental Design
Shifting and Sharing Responsibility for Public Safety Problems
Video Surveillance of Public Places

Outras publicações do COPS Office relacionadas

- **Using Analysis for Problem-Solving: A Guidebook for Law Enforcement.** Timothy S. Bynum.
- **Problem-Oriented Policing: Reflections on the First 20 Years.** Michael S. Scott. 2001.

- **Tackling Crime and Other Public-Safety Problems: Case Studies in Problem-Solving.** Rana Sampson e Michael S. Scott. 2000.
- **Community Policing, Community Justice, and Restorative Justice: Exploring the Links for the Delivery of a Balanced Approach to Public Safety.** Caroline G. Nicholl. 1999.
- **Toolbox for Implementing Restorative Justice and Advancing Community Policing.** Caroline G. Nicholl. 2000.
- **Problem-Solving Tips: A Guide to Reducing Crime and Disorder Through Problem-Solving Partnerships.** Karin Schmerler, Matt Perkins, Scott Phillips, Tammy Rinehart e Meg Townsend. 1998.
- **Bringing Victims into Community Policing.** The National Center for Victims of Crime and the Police Foundation. 2002.
- **Call Management and Community Policing.** Tom McEwen, Deborah Spence, Russell Wolff, Julie Wartell e Barbara Webster. 2003.
- **Crime Analysis in America.** Timothy C. O'Shea e Keith Nicholls. 2003.
- **Problem Analysis in Policing.** Rachel Boba. 2003.
- **Reducing Theft at Construction Sites: Lessons From a Problem-Oriented Project.** Ronald V. Clarke e Herman Goldstein. 2003.
- **The COPS Collaboration Toolkit: How to Build, Fix, and Sustain Productive Partnerships.** Gwen O. Briscoe, Anna T. Laszlo e Tammy A. Rinehart. 2001.
- **The Law Enforcement Tech Guide: How to plan, purchase and manage technology (successfully!).** Kelly J. Harris e William H. Romesburg. 2002.
- **Theft From Cars in Center City Parking Facilities - A Case Study.** Ronald V. Clarke e Herman Goldstein. 2003.

Para mais informações acerca das séries de Guias Policiais Orientados para a Resolução de Problemas e outras publicações do COPS Office, por favor contacte o Response Center do COPS Office através do telefone n.º 800.421.6770 ou visite o COPS Online em www.cops.usdoj.gov.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

*U.S. Department of Justice
Office of Community Oriented Policing Services*

*1100 Vermont Avenue, N.W.
Washington, D.C. 20530*

Para obter detalhes sobre os programas do COPS, contacte o Response Center do COPS Office através do telefone n.º 800.421.6770.

Visite o website do COPS em www.cops.usdoj.gov.

Data da criação: 12 de abril de 2005

e03052767

ISBN: 1-932582-49-5

